

67. Tivemos medo de levar pessoas doentes para o hospital

Keila Felício laparrá

Olá a todos, me chamo Keila Felício laparrá, sou do povo Palikur-Arukwayene, tenho 20 anos. Este é meu segundo relato, no meu primeiro relato tinha dito sobre a minha preocupação e medo que a doença chegasse na minha aldeia, mas não sabia que já tinha chegado. Quando ocorreram vários casos de gripe na aldeia pensávamos que era uma gripe diferente, pois queríamos acreditar que não fosse esse vírus que fez o mundo parar. Muitos Palikur não queriam acreditar que a tal gripe fosse o coronavírus, mas, infelizmente, era sim a COVID-19. Quando anunciaram no Oiapoque que uma mulher Palikur tinha morrido vítima da COVID-19 muitos do meu povo se recusaram a acreditar que ela tinha morrido por causa dessa doença, demorou para o povo cair em si.

Na minha casa as primeiras pessoas que apresentaram os sintomas foram as crianças, a filha da minha sogra ficou com febre, depois o filho do meu cunhado e, depois, ele também apresentou os primeiros sintomas. Ele acordou de manhã com febre e dor de cabeça e, mais tarde, perdeu o paladar e o olfato, também teve dores por todo o corpo. Estávamos desconfiando que poderia ser o coronavírus, pois as crianças tinham ficado com febre de repente, mas foi somente uma semana que apresentaram os sintomas, como se elas estivessem gripadas.

Depois foi meu marido... Ele tinha acordado mal pois estava com febre e com muita dor de cabeça, ainda bem que minha sogra preparava de manhã, a tarde e a noite o chá de folha de limão, tangerina, gengibre, alho e mel para eles tomarem todos os dias. Esse chá fez com que todos melhorassem, mas tínhamos vários outros cuidados, como não beber água gelada, tomar banho antes das 18 horas, porque não queríamos correr o risco que a gripe piorasse. Algumas pessoas disseram que quando a gente toma banho à noite a gripe piora, que não conseguimos respirar direito, além de sentir muita fraqueza, por isso tomamos muito cuidado.

Eu não tinha pegado a COVID-19 ainda, fiquei feliz pois todos ficaram doentes menos eu e o meu sogro. Quando eu estava me preparando para apresentar um trabalho em um

evento online, que era o II Encontro de Saberes Indígenas do Semiárido, amanheci muito mal, tinha fraqueza, além de ter muita dor de barriga, estava com diarreia, tive muitas náuseas. No primeiro dia pensei que era só diarreia, mas depois apresentei os mesmos sintomas dos outros, meu corpo ficava todo dolorido, parecia até que eu tinha saído de um trabalho bem duro, fiquei com febre e com muita dor de cabeça. Não podia tomar remédio para dor de cabeça pois tinha ibuprofeno, tinha medo que fosse a COVID-19 e tinha visto no jornal que não podia tomar remédio com essa substância, pois agravava mais a doença. Tive que falar com minha Tutora do PET, pois não tinha condições de apresentar o trabalho, não podia ficar online até de noite, a minha garganta doía como se tivesse engolido uma espinha de peixe, ou como se tivesse com uma ferida enorme, doía demais quando ia tomar água e comer.

Tivemos que cancelar a apresentação que eu faria no evento, eu não podia ficar à noite no sereno, acessando a internet na escola da aldeia, que é longe de casa. Na aldeia a internet só fica melhor após as 21 horas, durante o dia não temos internet, e nem energia, somente quando liga o motor da aldeia. Demorou muito para eu melhorar, principalmente a dor de garganta e a febre, que ocorria todas as noites. Por vários dias tomei o chá caseiro, que me ajudou muito no tratamento, pois a nossa única arma para tratar essa doença era o chá, ele ajudou várias pessoas que ficaram muito doentes, mas que quando tomavam o chá diziam que começavam a melhorar.

Os mais velhos é que ficavam mais fracos, mas os filhos, netos e outras pessoas ajudavam fazendo chá para eles. Nós perdemos uma senhora vítima da COVID-19 na minha aldeia, o estado dela tinha piorado muito, só recebi a notícia à noite. Depois da morte da senhora muitas famílias tiveram que tomar medidas para que os doentes não tomassem banho à noite, ainda mais os velhos, porque tinham mais risco de perder a vida para essa doença. Contudo, tivemos muita esperança que o vírus não matasse tantas pessoas na aldeia, confiamos nos conhecimentos tradicionais. Tivemos medo de levar pessoas doentes para o Hospital de Oiapoque, não tivemos confiança nos cuidados dos não indígenas pois não sabíamos como os doentes estavam sendo tratados, queríamos tratar na aldeia mesmo, porque por mais medo que tivéssemos do vírus e mais contagioso que fosse, não queríamos abandonar o próximo, por isso as famílias cuidavam dos seus doentes e, por conta disso, graças a Deus, ninguém morreu mais, com exceção das duas mulheres que faleceram por conta da COVID-19. Desejo que tudo isso passe logo, vamos passar por esse desafio juntos, vamos seguir mantendo a nossa fé e não vamos abandonar o próximo.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil

22 de julho de 2020